

“Antonio Barros de Castro é um raro exemplo de integridade em seu mais amplo sentido: moral, familiar, intelectual e profissional. Professor emérito da UFRJ, Castro é reconhecido internacionalmente como um dos mais criativos e instigantes entre os brilhantes economistas brasileiros. O legado de suas contribuições para promover o desenvolvimento brasileiro merecerá a organização de ciclos de debates e a edição de livros sobre os temas por ele abordados. Cabe destacar também a sua atuação como Presidente (1992/93) e diretor de Planejamento do BNDES (governo Lula) e como consultor/orientador de estratégias governamentais, setoriais e empresariais em sintonia com rigorosa concepção teórica. (...) Convidamos Castro para definir as diretrizes do novo modelo de desenvolvimento e para orientar a elaboração do novo Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) para o Brasil. Ele propôs o modelo “Consumo de Massas e Retomada do Crescimento”, como fio condutor para orientar o novo PND e para as ações estratégicas do Banco do Brasil. Somente a partir de 2004, já no governo Lula, o modelo começou a ser implantado.” **César Manoel de Medeiros.**

“Castro não economizava pensamento. Ele não tinha medo dos custos e riscos daqueles que se aventuram a pensar. Ao invés disso, ele se dedicava ao pensamento com carinho, com cuidado, sem pressa. Ele partia de algum problema que lhe chamava a atenção, e então se punha a pensar – a fazer deduções e a submeter tudo à crítica. Seu objetivo era compreender as estratégias envolvidas: as estratégias dos agentes econômicos, as dos formuladores de política econômica e a sua. (...) Sua conclusão era tão arriscada quanto merecedora de atenção; pela última vez esse notável intelectual que foi Antonio Barros de Castro pensava o novo e pensava o Brasil com coragem e amor por seu país”. **Luiz Carlos Bresser Pereira.**

Textos publicados em publicado em Rumos, Economia e Desenvolvimento para os Novos Tempos, Ano 36 – número 260 - Novembro/Dezembro 2011, páginas 15 e 16.



“De todos os atributos de Castro, o que mais me encantou foi o seu método analítico, que reside na combinação entre história e teoria, entre o momento do conhecimento empírico e o momento da formulação analítica: a história alimenta a teorização e a teoria facilita a interpretação da história. É a chamada “história pensada”, analisada, interpretada, num diálogo permanente entre a observação das tendências históricas e a teorização sobre as mesmas”. **Ricardo Bielschowsky.**

“Castro era uma espécie de heterodoxo dentro da heterodoxia, uma vez que na busca pelo entendimento das questões mais intrigantes com que se defrontava não poupava críticas tanto à sabedoria convencional, como muitas vezes também às teses caras ao pensamento heterodoxo. (...) Como era ao mesmo tempo muito rigoroso, vivia imerso em dúvidas e inquietações, que condenaram à gaveta muitos argumentos e idéias instigantes, que só agora começam a vir à luz, em edições póstumas”. **Francisco Eduardo Pires de Souza.**

“Mais recentemente era a China o centro das reflexões de Castro. Era o impressionante desenvolvimento chinês dos últimos anos que lhe chamava a atenção. Como em praticamente todos os debates anteriores em que se envolveu, Castro chocou seus interlocutores ao propor que os caminhos do futuro se desenhavam no gigante asiático e que não apenas entender, mas também integrar-se a esta trajetória era vital para o desenvolvimento brasileiro. Esta tese enfrentou o ceticismo, até de seus amigos mais próximos, mesmo aqueles acostumados não apenas a vê-lo propor idéias chocantes, pelo menos à primeira vista, como, em grande parte das vezes, acabar por estabelecê-las de modo tão claro que se tornava difícil saber como se podia ter pensado diferente. Infelizmente, não será possível testemunhar o fascínio com que via suas idéias triunfarem e se tornarem quase a sabedoria convencional”. **Fernando Cardim de Carvalho.**

“Castro era um profundo estudioso das estratégias de crescimento, das empresas e dos governos. Entender tais estratégias, e sua implementação, seria para ele a única forma de empreender cenários. Não havia mecanicismos nas trajetórias, nem tampouco erros que não pudessem ser corrigidos. O futuro sempre aparecia proto para ser criado. No momento em que o Brasil enfrenta colossais desafios, ler e reler Castro deveria ser uma obrigação para quem quer, e sobretudo para quem deve, pensar o futuro do nosso país.” **Rogério Studart.**

(Textos publicados em Rumos, Economia e Desenvolvimento para os Novos Tempos, Ano 36 – número 260 - Novembro/Dezembro 2011, páginas 9 a 12.)



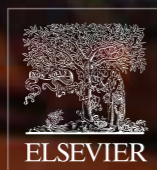
Ana Célia Castro  
Lavinia Barros de Castro

DO DESENVOLVIMENTO RENEGADO  
AO DESAFIO SINOCÊNTRICO

Ana Célia Castro  
Lavinia Barros de Castro

## DO DESENVOLVIMENTO RENEGADO AO DESAFIO SINOCÊNTRICO

Reflexões de  
**ANTONIO BARROS DE CASTRO**  
sobre o Brasil



“Antonio Barros de Castro foi um economista mestre, cujo trabalho tem poderosas implicações, não só para o nosso conhecimento sobre o desenvolvimento brasileiro, mas também para o nosso entendimento da economia política global e das políticas apropriadas para este novo contexto.

Comparações com Albert Hirschman me vêm a mente imediatamente. Hirschman é o arquétipo do economista capaz de juntar um domínio da realidade empírica da América Latina com habilidades teóricas sutis para produzir visões desbravadoras e politicamente relevantes para o processo de desenvolvimento. O estilo intelectual de Castro foi bastante diferente do de Hirschman, mas eles compartilharam alguns traços chave. Ambos eram profundamente comprometidos com desvendar o que estava acontecendo no “mundo real” e aprender com ele. Ambos eram também teoricamente ambiciosos, determinados a forçar uma realidade concreta desregrada a render lições gerais úteis. Ambos amavam a vida acadêmica, mas sempre sabendo que a pesquisa e análise podem e devem informar as decisões e opções políticas. Ambos compartilhavam o que Hirschman chamava “a paixão pelo possível”. Num momento em que o mundo está desesperado por uma liderança intelectual que possa, persuasivamente e crívelmente, construir propostas corajosas mas realistas de como lidar com a nossa economia global, a morte precoce de Barros de Castro é difícil de aceitar (...) Os Estados Unidos podem não ter tido o seu próprio Castro, mas isto não nos deveria impedir de fazer uso dos insights que ele nos ofereceu.”

Peter Evans em “Antonio Barros de Castro: Remembering an Economic Visionary”, publicado em Berkeley Review of Latin American Studies. Fall 2011 - Winter 2012, pgs. 18 a 24. Berkeley, Estados Unidos.